

FRANZÃO

Director e Editor: Dr. David de Oliveira

SEMANARIO REPUBLICANO

N.º 23 DO 2.º ANO

Redacção e Administração: R. de FRANCISCO AGRA, 8

Guimarães, 12 de Julho de 1924

Composição e impressão: RUA DE GIL VICENTE, 34
MINERVA RIBEIRO, Guimarães

O ÚLTIMO MINISTÉRIO

Confusão, excitação e ansiedade do mando, são hoje os primordiais caracteres com que se nos apresenta a politica portugueza. Delas nasceram naturalmente a descrença do povo, o desánimo do patriota e o occultamento, o afastamento de energias, que bem poderiam ser os capitais factores da ressurreição do País. Fogem as competências, occultando-se por detrás de exigencias da vida, de motivos de saúde e de tudo quanto alegam aqueles a quem é feito apêlo para se ingerirem nos negócios públicos. E da incerteza em que vivemos — incerteza de auxilio e lialdade — deste receio constante que tem todo o homem digno de vir a ser alcunhado de nomes infamantes, que por pejo aqui não deixa exemplificados, nasceu logicamente a desconfiança que gerou o absoluto desprendimento pelas causas nacionais.

De vez em vez, porém, nos variadissimos ministérios relampagos que se sucedem instantemente, não sabemos se é motivo de consolação ou de tristeza, verificar que ainda há homens que se expõem a todos os ataques e consequências, ao sacrificarem-se no duro mistério da governação do Estado. E-se hoje ministro apenas por sacrificio, pois cremos que os valores reais da nossa politica se deixam ou tem deixado inutilizar apenas pelo muito que querem á sua Pátria, e, tanto

assim, que bastas vezes tem tido morte inglória, politicamente, os que se abalançam a sentarem-se nas cadeiras do Poder. Fomos dos que condenamos a maior parte das medidas do ultimo gabinete. Fomos dos primeiros a atacar os actos do ministério Alvaro de Castro, porque sendo patriotas — e é esta a nossa unica qualidade — entendiamos que era perigoso para a nação a sua prática. De nós partiu aqui o primeiro grito de simpatia pela aviação militar, que entendeu que a sua honra a obrigava a perpetrar e a prolongar um acto de indisciplina, justificado ou não, e, nós próprios, verberamos as medidas governativas sobre o assunto. Entendiamos porém que a noção de autoridade obrigava o ministro a proceder dentro de formulas rígidas, para que não frutificasse mal um acto violento, e que as exigencias da honra e do brio profissional impunham aos aviadores a acção nobre do castigo. E agora ao observarmos que Governo e Aviação se portaram nobre e dignamente num dos factos mais palpitantes dos ultimos tempos, seria injusto negar ao ex-ministro da Guerra e ex-Presidente de Ministros, aquelas qualidades que são precisas para se ser um bom Chefe do Exército e um bom Presidente de Governo.

XERXES.

Instrução Primária

Faleceu em Fafe, a professora de Arões — Santa Cristina, daquelle concelho. D. Amelia Leite Lopes, que tinha adoecido há meses. Era uma das mais distintas professoras do Circulo. Muito zelosa e competente, estudiosa e assidua, a sua escola era modelar. O seu serviço foi sempre qualificado, sem o minimo favor, com as mais elevadas notas.

Foi arrebatada pela morte aos 28 anos incompletos, e com a sua falta muito perde a freguesia de Arões, e a instrução do concelho de Fafe.

Paz á sua alma bondosa de verdadeira educadora.

A sua desolada Família os nossos pèzames muito sentidos.

Ribeiro de Miranda.

Santa Clara,

o sr. A. L. e a Sociedade M. Sarmento

Em o ultimo numero do «Gil Vicente» escreveu o sr. A. L. de Carvalho um artigo subordinado á epigrafe — Uma resposta justa a um reparo injusto — que, francamente, me pareceu mais um convite para polémica do que uma resposta.

Sua Ex.^a tomou ares de um D. Ramon, espadachim em guarda: — *Monarquico* não sou; a és!...

E a *ingratidão* metamorfoseou-se em desejos de querer ter com quem discutir, embora reconheça perfeitamente que *mecher na porcaria... cheira mal.*

Sua Ex.^a quer as provas da sua *ingratidão* para com a Direcção da S. M. S. e «adubou» uma série de perguntas para o *autor anonimo* frigrir em tacho graúdo e fazer, das ilações que tirar, um *réc'ame* para uma nova fórmula — talvez o reigente

eficaz para combater o seu senso critico.

Disse Filho d'Almeida: «Deus fez o homem á sua imagem e semelhança, e fez o critico á semelhança de um gato. Ao critico deu de, como ao gato, a graça ondulosa e o assôpro, o rhon-rhon e a garra, a lingua espinhosa e a *calinerie*».

E Sua Ex.^a tendo lido decerto estes dois periodos, com a sua pertinaz vontade de em tudo se querer imisuir, abalançou-se á critica, tocando de leve neste e naquele assunto, procurando só grandes para o seu nome e as graças *d'aqueles* que... *lealmente* batem com a mão no peito.

Mas a infelicidade persegue-o. A agilidade, o nervosismo e a reflexão do gato a que se refere *Fialho*, longe está de se assemelhar ao rhon-rhon do critico vimaranense.

Ensandwichado pela vaidade e pela pseudo-mania de almejar sempre lugares de destaque, prosapioso a valer, que importa a tinta a dar nos seus escritos ou deitá-los á publicidade sem quasi nenhuns conhecimentos do assunto que discute ou aprecia?!

O seu poligletismo banal e demasiado conhecido resume-se em grandes aspirações — a aspiração de julgar-se um ente superior como aquele, outro criado por Oscar Wilde, a aspiração *presunçosa* de meter o beldelho onde não é chamado.

E se assim não fôsse, metidas as mãos na consciência, (ver artigos numeros da «Alvorada»), concordaria comigo ao dizer que realmente houve ingratião da sua parte, lembrando-se, como eu me lembrei, da campanha que então iniciou contra a irmandade a formar em *Santa Clara* — unica causa remota que contribuiu para o esbulhamento do recheio da referida igreja.

Mas... para longe as *laracrias* e *picuinhas* alegres.

O nome é que mais interessa ao sr. A. L. de Carvalho. Não vai, porque isso era o desejo de S. Ex.^a e poder-me-ia chamar papalvo por lhe ligar tanta importancia.

Contudo, segue o pseudónimo com todas as letras, pondo termo ao assunto, e não cantando o «Eterno Feminismo» nem gerando, com uma mesma facilidade, apreciações de conferencias religiosas (!) ou certidões de óbito do patrimonio artistico.

SIUL.

As autoridades de braço dado com os batoteiros

Simplemente vergonhosa a attitude das autoridades perante a nossa campanha contra o jôgo de azar.

Esperavamos delas o cumprimento integral da lei, mas S. Ex.^{as}, até hoje, não deram acôrdo de si. Realmente, haverá autoridades nesta terra?

Soneto

Quando escondido em teu jardim florido
Te oi sair das aguas murmurantes,
Postas as mãos nas pomas palpitantes,
Solto ao vento o cabelo humedecido;

E, sorrindo-te, o corpo enlouquecido
Reclinaste nas relvas ondeantes,
Dando-me assim aos olhos coruscantes
Uma esttua de mármore polido;

Não tive, como a santa Biblia conta,
As ideias dos lubricos juizes
Vendo a nua Suzana, que se afronta.

Desejei-me nos barbaros países
Dos caribais, e tive a ideia tonta
Do selvagem corax: não te horrorises!...

JOÃO PENHA.

ou serão autoridades a fingir?

Porque não intervieram ainda S. Ex.^{as}? Dizem-nos que as mesmas estão a soldo dos batoteiros, que estes lhes pagam a sua cumplicidade.

Se assim não é, porque continuam funcionando as casas de batota? se assim não é, porque não nos chamam á responsabilidade das nossas palavras?

Agora dão-nos o triste espectáculo duma *bulha* motivada pela divisão do *Dinheiro de Vizela*.

E já que falamos do dinheiro de Vizela, preguntamos: Que é feito dessa esmola da Tavolagem para a Beneficência Pública? quais as casas de caridade contempladas? ou essa esmola, restos miseráveis do grande bôlo distribuido e a distribuir, também se perdeu no estomago insaciavel dos tubarões?

Joga-se em Guimarães, joga-se em Vizela com a cumplicidade das autoridades.

C.

P. S. — Já depois deste escrito, lomos nos jornais de Lisboa o seguinte:

Um escandalo de Batota

Ordem de prisão contra três príncipes e um marquês

ROMA, 9 -- Foram passados mandados de captura contra os príncipes de Pignatelli, Anticol e Matthei, marquês de Torelli e Renato Rossi, todos implicados num formidavel escandalo de tavolagem.

Quando serão passados mandados de captura contra as autoridades de Guimarães e contra os batoteiros da dita?

C.

CRONICAS DA VIDA

Carne a mais...

Não se zingue comigo, minha senhora, se lhe disser que com as suas descomensuráveis e respeitáveis carnes frescas e ro-das, o calor aperta em todos os lugares, dos te o polo insensível da vontade até á memória dos homens que, não deve ignorar, quer-se regulada, não vá tropeçar no espinho derrotado pelo bôlo sexo. Gorda, seios desenvolvidos a dançarem abandonados de um companheiro que para eles deve ser insuperavel — o colete —; aueas largas em constante movimento, V. Ex.^a tem o «fraco» de cruzar as pernas mal escavacadas quando, em noites de musica, se senta nos bancos «desprechados» do nosso jardim publico, como a desejar pôr á amostra, como qualquer toucinheira, um porril bem curado, côrado e engordurado, fazendo cócegas no céu da bôca do freguês. Não digo que V. Ex.^a queira expôr, voluntariamente, em publico, as suas pernas, que mais parecem dois monstros de antiquaria, meten-to-as pelos olhos dentro dos carni-voros gulosos de feminismo. Isso não!

Mas, apesar de tudo, V. Ex.^a tem partido, que, sem ser politico, seria capaz de ir á urna... se lhe fôsse consentido e não levasse a mal. Por mim não pe de a causa do seu partido. A um amigo meu ouvi dizer que se V. Ex.^a soubesse o quanto ele gosta de carne gorda formariam ambos um núcleo bem unido e aliado. E' que o meu amigo tem estomago para todas as gorduras, o que o magro é para ele muito seco, não estando nem com manteiga. Ora aqui está quem gosta das mulheres gordas, de as ver roliças, com pernas e tudo... Eu é que se não tivesse feito a digestão, teria vomitado fora, pois enjôu com toda a gordura, principalmente da de vaca. E' que a carne gorda das fêmeas é uma carne muito mole... e satisfiz depressa sem que lhe possamos tomar bem o paladar. Não quero terminar, minha senhora, sem primeiro lhe pedir a maxima desculpa, e também para lhe rogar reverentemente que esconda dos olhos lambureiros aquilo que bem pode ser um desastre para V. Ex.^a e para mim. E' que tanta carne faz náuseas, excepto aos gulosos dos bons pernis, quer acompanhados de feijão branco, ou de meias de sôda e... ligas. Ficamos assim combinados?...

AFONSO FRANÇA.

SEMPRE OS MESMOS

Os monarchicos sentem-se satisfeitos pela atitude tomada pelos aviadores presos em S. João da Barra, para mais uma vez atacarem a Republica. Esgotadas e rebatidas todas as suas acusações, tentaram, como disse, agarrar-se á queção da Aviação, questão essa que toda a creatura com alguma cultura logo reconhece que o ministro da Guerra cumprira apenas o regulamento militar para incentivar o espirito dos seus subordinados a disciplina, e por conseguinte sustentar o prestigio do exercito.

Acostumados desde 1910 a atacarem a Republica, e a difamarem os seus governantes, servindo-se para este fim dos argumentos mais infames, elles continuam na mesma expectativa. Para elles houve apenas um homem na Republica que lhes mereceu toda a confiança e adoração. Esse homem foi Sidónio Pais.

Eu não quero de forma alguma apreciar a obra de Sidónio Pais, limitando-me a apresentar as causas por que os monarchicos o admiraram, e ainda o admiram. Toda a gente sabe que no tempo de Sidónio os cargos de responsabilidade estavam nas mãos dos monarchicos. Todos sabem que, quem fosse republicano, era perseguido, e todos sabem também que quem fosse monarchico com a mascara de sidonista, seria respeitado e louvado. Portanto, porque motivo é que os monarchicos amayam por assim dizer Sidónio Pais? Porque eram elles quem mandavam, e porque diziam que com a protecção dele a sua causa triunfaria.

Para se julgar isto vejamos o

seguinte: Quis foram os sidonistas que se bateram em *Monção* defendendo a Republica? Se Sidónio era republicano, com certeza que se deviam bater todos os seus adeptos. Mas infelizmente nada disto aconteceu, porque ao lado da Republica apenas se bateram os que serviram Sidónio como republicano, que o julgavam, e não aqueles que, com mascara de sidonista, dentro do regimen republicano, queriam derrubar a Republica. Porém, elles continuam, por intermédio dos seus orgãos e dos seus representantes no Parlamento, por formas incorrectas e lamentáveis, a quererem demonstrar a incompatibilidade da Republica, principalmente sob o ponto de vista da ordem e da disciplina.

Se Portugal vivia tranquilo antes da proclamação da Republica, como elles dizem, quem foi que contribuiu para a desordem depois da sua proclamação? Foram porventura as *incursões monarchicas* de 1912 prelúdios de paz? Foram prelúdios de paz as *junças militares* ou o *19 de Janeiro de 1919*? Se dentro da Republica tem havido revoluções, ou se nos seus defensores permanece o sentimento de revolta, quem foi que lhes legou tal sentimento? Foram os republicanos? Não. Foram aqueles que intrujam Sidónio Pais; foram aqueles que espantaram e encarceraram republicanos; foram, finalmente, aqueles que deitaram para não defenderem a Pátria por ocasião da Grande Guerra, mas que se apresentaram com cinismo e hipocrisia para combater contra seus irmãos!

S.

Escolas Primárias Superiores

Lemos num jornal desta localidade que tinha havido uma reunião dos pais e encarregados da educação dos alunos do Liceu Martins Sarmiento para colherem impressões sobre a elevação das propinas com que exaggeradamente havia sido sobrecarregada a instrução.

Depois de ouvirem ler o Decreto n.º 82, 1.ª Série, de 17 de Abril e umas breves considerações feitas pelo presidente da Academia, resolveram concordar com esse Decreto, alegando que o aumento não tinha excedido o coefficiente 10 e que portanto estava em relação com o aumento do custo da vida.

É para lamentar, diz o sr. presidente da Academia, que os presentes deixassem negligido aqueles mesmos que antes deste Decreto procuravam com sacrificio enorme, educar os seus filhos e que hoje terão de lhes cortar a carreira.

Achamos flagrantemente justas as palavras acima transcritas, pois veem por bem em evidencia a falta de meios de educação e instrução daqueles que a fortuna não bafejou.

Quantos filhos de empregados publicos, a quem o estado não paga ordenados em correspondencia com a caresta actual da vida, teem de abandonar os estudos ou nem ao menos podem procurar um pouco de instrução com que possam vencer na luta da vida e colocar-se ao nivel intelectual dos que possuem os seus pais.

As portas dos Liceus ficam-lhes fechadas. O ensino particular é ainda inatingivel e terão esses que desistir de qual quer grau de instrução por falta de auxilio da parte do Estado.

É bem que se saliente esta necessidade para abrir os olhos

aqueles que pertinazmente entendem que não são precisas as Escolas P. Superiores e que com malévolo prazer as viram encerrar. Quantos dos que se riram, por mísera vingança ou despeito, agora se sentem atingidos em cheio?

No intuito de proenrar favorecer as classes menos abastadas, que desejavam alguma instrução para a vida pratica, sem os conhecimentos exigidos para as Universidades, foram fundadas as E. P. S., cujo ensino, ao alancear de todos, era gratuito. Foram recebidas na porta da espada e enxovalhadas por aqueles mesmos que mais vantagens delas poderiam auferir; proenron-se fazer em volta delas o vácuo para as asfixia; os professores primários, por despeito, impediam que os seus alunos nelas se matriculassem, inculcando a incompetencia do professorado e não apresentando alunos a exame da I. P. Geral e o resultado está a vêr-se: impossibilidade das classes menos ricas poderem completar a sua educação.

Quantas vezes nós temos ouvido proclamar a incompetencia do professorado desta escola de Guimarães e a alguns desses mesmos temos visto emprar grandes esforços para que lhes ensinarem particularmente seus filhos!

Mas, poderão perguntar-nos, estavam bem as escolas tal qual funcionavam? Não, não estavam. Precisam de uma reforma que lhes esclareça a sua finalidade, abrindo-lhes canalisação para certos modos de vida, que até aqui não exigiam habilitações. Deem-se-lhes estímulos, preferencia aos alunos nelas habilitados para certos lugares publicos, especialmente nos correios e telegrafos, nas escritorias e escriturarias. Torne-se o curso mais pratico, os programas menos complicados e a cheirar menos ao ensino catedrático dos

licens; dividam os cursos em secções, em conformidade com os diversos fins a que os alunos se destinem, preferindo uns as letras e contabilidade, outros as sciencias fisico-quimicas e matematicas, anoldem-se as regições e assim terão uma grande missão a cumprir, muito ditin ta da função dos licens, mas concorrendo tanto ou mais do que elles para a prosperidade da nossa terra de Portugal.

A. A.

O conflito da Aviação

Ninguém pode negar aos aviadores que na Amadora se insubornaram as mais altas qualidades de audácia e de valor. Entre todos os Portugueses foram elles, sem dúvida, os que escolheram a profissão mais perigosa. Mas, por outro lado, ninguém de bom senso e que não contorça a lógica ao sabor das suas baixas conveniências politicas, poderá também esquecer que esses homens faltaram, desta feita, aos mais essenciais deveres militares. Concebe-se facilmente um exercito sem heroismo; não se concebe um exercito sem disciplina. Antes de ser heroico, o official tem de ser respeitador e disciplinado. Os aviadores, força é confessá-lo, poderão ter procedido como valentes, não procederam como soldados.

A crescer a isto, vibraram mais uma forte machadada no prestigio do Poder e no respeito do principio da autoridade, agravando o espectáculo da dissolução de todos os laços sociais e contribuindo, tambem por sua parte, para tornar a atmosfera de Portugal cada vez mais irrespiravel para os verdadeiros homens livres. Não se prevaleça ninguém das altas florescências do valor, do que poderíamos chamar o glorioso supérfluo da virtude, para esquecer e menoscar os deveres essenciais do cidadão. Não vale a pena subir tão alto nas nuvens, se o solo que pisamos há de ficar mais movediço e a vida na terra menos digna de ser vivida.

O acto dos aviadores, seja qual for a razão que lhes assista e por mais desastrosamente que haja procedido o Ministro da Guerra, não tem, pois, justificação possível. Que o não reconheçam homens exaltados, possuidos de uma estranha obsessão heroizante, do que podemos talvez denominar o delirio da valentia, e de uma noção mal-entendida do ponto-de-honra militar, ainda se admite, ou, pelo menos, compreende. Mas que partidos que se pretendem de governo, partidos de ordem, com responsabilidades ligadas á gestão do Estado, desçam a aproveitar o desvairamento de umas dezenas de homens para fazer avançar no taboleiro da politica a sua miserável pedrinha colorida, sancionando, de alguma maneira, e explorando afinal, em seu pretensio beneficio, o descalabro da disciplina e a destruição lógica de toda a ideia concebivel dum Exército organizado, é o que se não explica senão por uma profunda perversão do senso moral e uma completa obliteração do sentido das conveniências.

Foram esses homens de partido (cogos para os postulados comuns de todas as agremiações partidárias) e a maior parte da nossa imprensa (excluindo três ou quatro jornais, como o «Mundo», a «Pátria», a «Época» e as «Novidades») que criaram essa atmosfera moral de hesitação, ambiguidade e complacência, que levou os bravos officiaes a assumir uma tão lamentavel attitude de resistencia inadmissivel e obstinada. Chegaram mesmo, na sua levandade ou na sua estupidez criminosa, a sugerir a necessidade dum dilema: o triunfo ou a morte. Tivessem os partidos, tivesse a imprensa cumprido o seu dever, flagelando *uma voz* o germe da

indisciplina, não houvesse em Portugal tamanha au éncia de solidariedade, e tanta *sensibilidade*, imbecilidade e cobardia, e os aviadores, para honra sua e tranquillidade nossa, não teriam levado tão longe o seu protesto. Afogá-los bria o veio unânime do país. E eles, que se julgaram demasiadamente fortes para afrontar as leis militares, não sentiriam coragem para afrontar a consciencia da nação. O governo, por sua parte, teria procedido com mais energia e decisão, e não se tornaria possível essa guerra civil da Pórcalhota, morta pelo ridiculo antes de dominada pelas armas.

Mas mais uma vez a nossa brandura de fêmeas históricas, a nossa falta de virilidade, as nossas ruins paixões, a nossa alma pusilânime, favorecedora de todas as impunidades, fizeram de 17 homens as vítimas de uma ideia falaziosa e de uma perversão da honra militar. Quem ficará derrotado? Os aviadores? O governo? Pela marcha que as coisas vão tomando, temos justificadas dúvidas de que a derrota seja, mais uma vez, para o prestigio, as conveniências e a honra de Portugal.—R. P.

Por concordarmos inteiramente com a doutrina expandida no magnifico artigo que aí fica, sobre o conflito da Aviação Portuguesa, pedimos vêr-nos no nosso distinto collegio da capital—«Seara Nova», superiormente dirigida pelo sr. dr. Raul Proença.

Crónica Sportiva

Paços de Ferreira, 1 de Julho.

TORNEIO

Realizou-se no passado domingo, dia 29, um torneio aos pombos, em Raimonda, Paços de Ferreira, tendo decorrido com extraordinario entusiasmo.

Inscreveram-se 83 atiradores de diversos concelhos do distrito, incluindo alguns da cidade do Porto.

O resultado foi o seguinte:

1.º premio—snr. dr. Bernardo Pereira Leite, de Paredes; 2.º—sr. Antonio Gabral, do Porto; 3.º—sr. Eduardo Monteiro, de Raimonda; 4.º—sr. Antonio Queiroz, de Lousada; 5.º—sr. Adolfo Machado, de Lousada; 6.º—sr. Zefirino Leão Torres, de Paços de Ferreira; 7.º—sr. Joaquim Leão Torres, de Raimonda; 8.º—snr. José Bragança Ribeiro, de Paredes; 9.º—sr. José Braz Leão Torres, de Raimonda.

O júri era constituído pelos seguintes cavalleiros: Antonio Pinheiro Carneiro Leão, Capitão Eduardo Napoleão e Adriano Carvalho.

V. Ex.ª precisa comprar um serviço para jantar, chá ou lavatório?...

RECOMENDA-SE A

Antiga Louçaria Rezende

DE

Manuel R. Ferreira da Costa

Rua da Assunção, 38—PORTO.

Desconto aos Revendedores.

“A Bazão,”

Semanário Republicano

Ex.º Sr.

A direcção do campo foi entregue ao nosso amigo Dr. Luiz Pinheiro Torres.

A assistencia era grande, vendo-se algumas familias da cidade do Porto.

Ao nosso amigo snr. Joaquim Leão Torres apresentamos os nossos parabens, por ter visto coroado do melhor exito todos os seus trabalhos na organização do torneio.

C.

VENDE-SE

Uma mobilia de quarto, mogno, estado de nova.

Arrematação

(2.ª Publicação)

No dia 13 do próximo mês de Julho, por dōze horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, situado na rua do Gravador Molarinho, desta cidade, ha de proceder-se, em hasta publica, á venda dos prédios abaixo mencionados, em consequência de deliberação do conselho de familia no inventário orfanológico que se processa n.º 1103, por óbito de Manuel Vitorino da Silva Guimarães, casado que foi com a inventariante D. Leocadia Malheiros Guimarães, tambem conhecida por D. Leocadia Maria da Conceição, do Largo da Oliveira, desta cidade, prédios que serão entregues pelo maior lance que obtiverem acima dos valores ao diante declarados, ficando por conta dos arrematantes, além das despesas da praça, toda a contribuição de registo por titulo oneroso; a saber:

—Uma morada de casas de três andares, situada com os numeros de policia 14 a 20 no Largo da Oliveira, desta cidade, a qual está compreendida no prédio descrito na Conservatoria sob o n.º 1103, a fls. 181 v.º do Livro B 7 e entra na praça pela quantia de 15.000\$00.

—Outra morada de casas de um andar, situada com o n.º 28 de policia na Praça de S. Tiago, freguesia da Oliveira, desta cidade, e o prédio descrito na Conservatoria sob o n.º 6215, a fls. 144 v.º do Livro B 22 e entra em praça pela quantia de 3.000\$00.

Guimarães, 21 de Junho de 1924.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Amadeu G. Guimarães.

O escrivão do 2.º officio,

Serafim José Pereira Rodrigues.